

O QUE ISSO TEM HAVER COM AS AULAS DE ARTES?

Antonio Pinheiro

“E tanto tempo terá passado, depois, que tudo se tornará cotidiano
e a minha ausência não terá nenhuma importância.
Serei apenas memória, alívio, (...)”
Caio Fernando Abreu

O estímulo para desenvolver um trabalho com as questões da diversidade de orientação e expressão sexual e a lesbohomotransfobia dentrofora das escolas veio com a participação do curso “Rompendo Fronteiras e Discutindo a Diversidade Sexual na Escola” em 2006 e que foi oferecido pelo grupo Arco-Íris em parcerias com a SECAD/MEC – Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/Ministério de Educação e Cultura aos professores e professoras da rede estadual de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Ao final do curso estava contagiado em promover, discutir o que havia debatido refletido e aprendido neste curso, a maneira que encontrei para divulgar e multiplicar este projeto, trazendo essa discussão para o âmbito escolar era nada mais do que romper a fronteira imagética do muro da escola, desde então venho (re)pensando na idéia da inexistência de muros entre o dentrofora da escola, que segundo Alves (2010) precisamos compreender que os muros das escolas são meras criações imaginárias, mas não indicam o que existe, no que se refere às relações entre as múltiplas e diversas redes educativas e as escolas. Alves defende que vivemos dentrofora das escolas ao mesmo tempo. Em outras palavras, defende não existir dentro e fora, porque a prática social é inclusiva. É, portanto no meu entender, de suma importância trazer essa discussão para as escolas, como possibilidade de tessitura de outras formas de se compreender o mundo para além dos limites da forma hegemônica, permitindo talvez, algumas mudanças nos cotidianos escolares.



Ana & Paula ou Uma história que deu o que falar.
<http://www.youtube.com/watch?v=skqwFEAwQiM>

Mesmo amparado de leis, as políticas públicas no campo da educação tem chamado atenção para a sexualidade mas mesmo assim há uma dificuldade encontrada na aceitação de desenvolver qualquer tipo de atividade relacionada com as questões das sexualidades. De acordo com as ações do Programa “Brasil sem homofobia” de combate à violência e à discriminação contra LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) e de promoção da cidadania homossexual, do Ministério da Saúde, em parceria com o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH, criado em 2004, vem permitindo o aumento do campo de luta e de visibilidade dos múltiplos gêneros.

Com base no artigo V do Programa Brasil sem Homofobia, que propõe o “Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e a não-discriminação por orientação sexual” e do artigo IX, que versa sobre a “Política para a juventude.”

E mais recentemente no Diário Oficial da União, do dia 31 de Janeiro de 2012, saiu a publicação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em que foram incluídas orientações para a inclusão de Orientação Sexual, Identidade de Gênero, bem como os temas do programa Saúde e Prevenção nas Escolas nos projetos político-pedagógico das escolas, nas quais podemos ler:

no artigo Art. 16: O projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: V - comportamento ético, como ponto de partida para o reconhecimento dos direitos humanos e da cidadania, e para a prática de um humanismo contemporâneo expresso pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da solidariedade; X - atividades sociais que estimulem o convívio humano; XIV - reconhecimento e atendimento da diversidade e diferentes nuances da desigualdade e da exclusão na sociedade brasileira; XV - valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas; XIX - atividades intersetoriais, entre outras, de promoção da saúde física e mental, saúde sexual e saúde reprodutiva, e prevenção do uso de drogas; XXI - participação social e protagonismo dos estudantes, como agentes de transformação de suas unidades de ensino e de suas comunidades;

Tenho consciência pelo trabalho que venho desenvolvendo que não posso esperar que as mudanças sejam efetivadas e implementadas somente por políticas públicas é preciso ousar e um dos principais dispositivos se chama currículo que é uma invenção da modernidade. O que vem muito me questionando é a pergunta O que planejar para as aulas de Artes? Uma coisa eu sei é não modelar o mundo em receitas.



Papai, eu não sou o que você quer que eu seja!
<http://www.youtube.com/watch?v=qtwmVSNSIrg>

E vem sempre aquela pergunta: o que isso tem haver com as aulas de artes? Pergunta essa que sempre parte dos atores sócias que compõem o cotidiano escolar onde produz uma cultura hegemônica e entendem que o espaço escolar é somente para produção de conhecimentos científicos, esquecendo das redes que circulam opiniões e modos de vidas e não só os conhecimentos científicos dentro do espaço escolar. Trago essa discussão para a escola, como possibilidade de tessitura de outras formas de se compreender o mundo para além dos limites da forma hegemônica, rompendo com estereótipos no âmago dos processos em que são criados, transmitidos e reproduzidos.

Com formação em Educação Artística e licenciatura em Artes Plásticas pela Faculdade Bennett, e pela Kungl. Konsthögskolan i Stockholm (Academia Real de Belas Artes de Estocolmo) e Mestrando em Educação pela UERJ. Essa narrativa é como venho pensando o cotidiano escolar e a prática teórica-prática das aulas de artes nas discussões ligadas às sexualidades e a lesbohomotransfobia. Não é tratar as sexualidades apenas de forma científica e analítica, é também tratar dos modos como as pessoas vivem.

Pautei as ações do planejamento das aulas tecendo as redes educativas com o conteúdo das Artes Visuais e com isso buscando um (re)educar para a cidadania, de modo belo, ético, político e estético. No nível pedagógico é importante a entrada na escola desta discussão. É um tema contemporâneo, de grande relevância, e que está presente em nosso cotidiano, quer queiramos ou não. Esta nos diferentes meios de comunicação e informação que invade as escolas.

Dentre tantas manifestações artísticas faço a escolha pela poética da imagem animada. Através de experimentações os/as alunos/as podem entender as questões de como as imagens são processadas nas nossas retinas compreendendo a teoria da persistência retiniana que nos dão a sensação de movimento. Confeção do taumatrópio que é um brinquedo óptico. O folioscópio é a animação mais simples que podemos realizar, o flip book que é uma sequência de imagens ou desenhos combinados no livro. Ao virar as páginas do flip book rapidamente vê-se a animação. Uma pesquisa no youtube buscando varias formas de animação [de massinha, de linha, com objetos inanimados, recorte e tantos etecetaras] É conversado sobre o tema que irá nortear as animações que é a questão das sexualidades. As turmas assistem ao desenho animado Medo de que? e uma seleção fílmica de alguns curtas que trazem a tematica LGBTT que não são de animação mas que trazem um embasamento para as rodas de conversa e possibilidades para a criação das animações são eles: Por outros olhos, Novamente e Borboletas da Vida.. Um seminário é organizado onde cada grupo apresenta suas questões e idéias do que foi discutido/conversado nas aulas. Então iniciam a criação de suas animações, Apresento aqui o resultado de duas animações.
<<http://www.youtube.com/watch?v=skqwFEAwQiM>>
<<http://www.youtube.com/watch?v=qtwmVSNSIrg>>

Uma das grandes dificuldades que tenho encontrado para as atividades em que se discute e se põe em cheque a heteronormatividade, nos cotidianos escolares, aparece quanto é necessário repensar os conceitos de moral que cada um/a traz de suas histórias de vida nos vários contextos vividos - família, meio social mais amplo, crenças religiosas – nos quais se dialoga com uma nova proposta de mentalidade contra o sexismo, homofobia, racismo e tantas outras formas de discriminação.



Uma Professora sem noção

<http://www.youtube.com/watch?v=stAWonCqXKk>

Novas Famílias

<http://www.youtube.com/watch?v=wyIVWLZ0LLc>

Trago depoimentos das atividades desenvolvidos em um semestre, voltada para o Ensino Médio e para o Curso Normal de formação de Professoras/es no ISERJ – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e no Instituto de Educação Sarah Kubitschek.

Eu não vim a muitas aulas, para mim sexta- feira tinha que ser final de semana também, mas as poucas aulas que assisti pude fazer uma análise de mim mesma. Uma análise das minhas crenças; eu não as abandonei, só procurei “tirar os óculos das minhas crenças” e enxergar as coisas como todo mundo. Eu aprendi que discriminar alguém por ele ser diferente é o maior erro que podemos cometer; eu continuo achando a prática errada, porém o ser humano é maior que a prática e devemos amá-lo. [Vanessa, T.1102]

As minhas aulas de artes foram interessantes por abordar um assunto que não é muito comentado sobre as pessoas e ter geralmente um certo desconforto sobre esses assuntos de racismo, preconceito e até religião. Mas nessas aulas, comentamos e discutimos um pouco constrangidos no começo, mas depois estávamos falando livremente e tranquilamente. Então, achei essas aulas bem interessantes por expor opiniões sobre os assuntos abordados e debater isso tudo para chegarmos a conclusão de que cada um tem suas opiniões e ate preconceitos, mas acima de tudo, devemos respeitar o próximo independente de como o outro seja ou é. [Pedro, T.1102]

Nesta palestra pude adquirir mais conhecimentos sobre alguns outros fatos como a diferença entre travestis e homossexuais. Pois nem sempre o que é homo, também é trans. E o mais absurdo foi o preconceito. Além do mais cada um tem sua vida e suas escolhas. Cada um sabe o que quer. [Juliane, t. 4011]

A palestra foi legal, pois nós tivemos que por nossa mente para pensar e mudar alguns conceitos em nós mesmo, como a diversidade sexual, a homofobia entre outros. Eu sou um “homofóbico”, pois eu não acho que “Deus” fez o homem pra se deitar com outro homem e nem a mulher pra se deitar com outra mulher. Eu acho isso uma doença, mas fazer o que, cada um escolhe a sua sexualidade. Esta é a minha opinião. (Mario – T1005)

Precisamos compreender que vivemos todos dentrofora das escolas e que o que é aprendidoensinado nas tantas redes de conhecimentos e significações em que vivemos entra em todos os contextos, porque está encarnado em nós. Uma das tarefas da educação é se repensar-se. Em suas possibilidades o trabalho tem contribuído para refletirmos sobre a naturalização das ações preconceituosas que vivemos em nossas práticas cotidianas dentrofora da escola, muitas dos quais, nem nos apercebemos, por estarem naturalizadas. Esse processo conduz à negação do outro, de suas escolhas, oprimindo-o, dominando-o, estigmatizando-o.

Bibliografia

Abreu, Caio Fernando. *Caio 3D: o essencial da década de 1980*. Rio de Janeiro: Agir, 2005

Brasil, Conselho Nacional de Combate à Discriminação Brasil Sem Homofobia: *Programa de Combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004

Brasil, Ministério da Educação, Secretária de Educação Média e Tecnologia. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999

COSTA, Horácio [et al] (org). *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Imprensa Oficial, 2010

Diário Oficial da União, do dia 31 de Janeiro de 2012, *publicação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*

Junqueira, Rogério Diniz (org). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009

Oliveira, Inês Barbosa e Nilda Alves (orgs). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alii, 2008